

Universidade de Brasília

Duas formas de produzir historiografia: as invasões holandesas na História
do Brasil e nos Capítulos de História Colonial

Mariana Silveira Leonardo de Souza

2012

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Luis Gil

Brasília, outubro de 2012

Agradecimentos

Agradeço a todos que me apoiaram no processo de criação desta monografia, me ajudando durante alguns breves, porém frequentes, momentos de ansiedade. Agradeço em especial a minha mãe, que plantou em mim o interesse por história em primeiro lugar, desde antes de eu aprender a ler; às minhas irmãs, que já passaram pelo processo da produção de uma monografia e me ajudaram a manter a calma; à minha família, de um modo geral, pois todos contribuíram de certa forma na escrita deste trabalho; e ao professor Tiago Gil por todo o apoio e orientação, mas, sobretudo, por toda a paciência.

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Frequência das palavras "governador" e "capitão" nos capítulos 01 ao 49 da História do Brasil, com a comparação entre a frequência em que ambas aparecem nos mesmos

capítulos.....**Erro!**

Indicador não definido.9

Gráfico 2 - Frequência das palavras "capitão" e "Deus" nos capítulos 01 ao 49 da História do Brasil.....**Erro!**

Indicador não definido.9

Lista de figuras

Figura 1 - Palavras que aparecem com maior frequência entre os capítulos 21 ao 49 da *História do Brasil*. 30

Figura 2 - Palavras que aparecem com maior frequência no capítulo VIII de *Capítulos de História Colonial*. 30

Resumo

Neste trabalho veremos como os elementos presentes no texto de frei Vicente servem ao propósito das crônicas escritas em sua época: o de ensinar, de apresentar exemplos de modelos a serem seguidos, principalmente modelos de bom governo e boa conduta moral e espiritual; como também veremos as características que definem a historiografia do final do século XIX, levado adiante ainda no início do século seguinte – ainda que o modelo historiográfico de Capistrano de Abreu seja distinto, em alguns aspectos, do que vigorou desde o início da formação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, em 1838, ainda estão presentes no discurso do historiador cearense elementos característicos do modo oitocentista de produzir historiografia.

Sumário

Introdução.....	1
Frei Vicente do Salvador	1
João Capistrano de Abreu	2
Capítulo 1: A agência histórica nas obras escolhidas.....	4
Agência histórica na obra de frei Vicente do Salvador.....	4
Agência histórica na obra de Capistrano de Abreu.....	8
Limites dos agentes.....	10
Limites dos agentes na obra de frei Vicente	Erro! Indicador não definido.
Limites dos agentes na obra de Capistrano de Abreu.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 2: Noções de espaço e tempo.....	19
Noção de espaço	19
Noção de tempo	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 3: Algumas análises quantitativas.....	Erro! Indicador não definido.
Conclusão	Erro! Indicador não definido.
Bibliografia.....	Erro! Indicador não definido.
Mídia:.....	Erro! Indicador não definido.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar duas formas de produzir historiografia. Para tanto, vou utilizar uma comparação, me valendo do mesmo objeto, de duas formas distintas de produzir historiografia: a invasão dos holandeses no território da Bahia, durante o recorte de um ano, de 1624 e 1625. A decisão desse recorte se deu devido a uma das fontes escolhidas, o livro *História do Brasil* por frei Vicente do Salvador, tratar do assunto desde a chegada até a expulsão dos holandeses na cidade de Salvador, na Bahia. A obra foi escrita durante a década de 20 do século XVII. Usarei especificamente os capítulos 21 ao 49 do livro quinto, e último, da *História do Brasil*, que tratam detalhadamente da presença holandesa na capital da Bahia e de seus arredores imediatos.

Outro fragmento de obra a ser analisada é o capítulo oitavo de *Capítulos de História Colonial*, de João Capistrano de Abreu, que trata da presença holandesa no Nordeste do Brasil, ocupando-se primeiramente da invasão de Salvador, em uma parte do capítulo, para depois continuar com o tema ao tratar da instalação do governo holandês em Pernambuco. Vou me ater às partes do capítulo que tratam da invasão na Bahia, porque o objeto deste estudo limita-se a esse espaço específico. São fragmentos de obras que tratam do mesmo assunto, porém de formas diferentes, de acordo com o estilo historiográfico apreendido na formação literária de cada autor.

Frei Vicente do Salvador

Vicente Rodrigues Palha nasceu em Matuim, distante cerca de seis léguas de Salvador, na capitania da Bahia, em 20 de dezembro de 1564¹. Sua formação intelectual começa no colégio dos jesuítas de Salvador, porém as fontes carecem de informação com respeito à idade com a qual o jovem ingressou no Colégio, ou por quanto tempo ficou por lá. Depois desse período, novamente sem informações sobre sua idade, foi para o Reino, onde passou a estudar em Coimbra, formando-se em direito Civil e doutorando-se em Teologia e direito Canônico².

¹ Capistrano de Abreu, no prefácio do volume 13 dos anais da Biblioteca Nacional, aponta a data de nascimento do frei baiano parece ser a de 20 de dezembro de 1564, mas não dá certeza sobre a precisão da data, por não haver informação precisa a respeito. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. v. 13 (1888): vi.

² Ibid.

Vicente retorna ao Brasil em 1591, onde foi ordenado sacerdote, trabalhando como cônego da Sé da Bahia e vigário-geral³. Vai para o Rio de Janeiro em 1607, depois da criação da Santa Casa de Misericórdia. Em 1612, retorna para a Bahia para assumir o cargo de guardião da Santa Casa de lá. Retorna para Portugal em 1618, onde, provavelmente, conheceu Manuel Severim de Faria⁴, que pediu para que o franciscano escrevesse uma obra que tratasse “das cousas do Brazil” para constar em sua biblioteca.

É possível que tenha começado a escrever a *História do Brasil* logo em 1620, quando retornou de Portugal, pois no ano anterior havia recusado o cargo de guardião da Bahia, o que pode significar que frei Vicente o tenha feito para poder se dedicar à escrita da obra, que certamente tomaria muito de seu tempo⁵. A partir de então, viaja constantemente entre missões, assumindo cargos e lidando com assuntos eclesiásticos em várias capitanias, até que, no dia 28 de maio de 1624, indo do Rio de Janeiro até a Bahia, teve o navio no qual viajava aprisionado pelos holandeses que haviam invadido Salvador desde maio daquele ano, permanecendo preso no navio holandês por meses⁶. Depois de 1627 quase não existe informação sobre o franciscano. A data de seu falecimento é incerta, acreditando-se ser entre 1636 e 1639, pois seu nome passa a não constar mais nos documentos da custódia da Bahia a partir de 1639⁷.

João Capistrano de Abreu

João Capistrano de Abreu nasceu em um sítio no município de Maranguape, no Ceará, em 23 de outubro de 1853⁸. Cresceu em um ambiente rígido no interior, recebendo alfabetização em casa, no sítio Columinjuba, que seu avô recebeu de um português decadente. Mais tarde, em Fortaleza, frequentou o Ateneu Cearense e o Seminário Episcopal⁹. Não se saía bem em seus exames, apesar de ler com curiosidade e avidez, quase como um autodidata¹⁰. Enquanto crescia, lia repetidas vezes autores de cunho positivista como Buckle, Spencer e Taine, além de ter certa predileção para

³ Ibid.

⁴ Manuel Severim de Faria (1583-1655), chantre e cônego da Sé de Évora, escritor e erudito português, colecionador de obras e crônicas a respeito das conquistas lusitanas ao redor do mundo.

⁵ Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro., xi.

⁶ Ibid., ix. De acordo com o relato do frei, ele ficou por quatro meses como prisioneiro, mas Capistrano, na introdução do volume 13 dos Anais da Biblioteca Nacional afirma que o franciscano ficou preso até fins de julho.

⁷ Ibid.

⁸ Francisco José Calazans Falcon, “Capistrano de Abreu e a historiografia científicista: entre o positivismo e o historicismo,” in *Estudos de Historiografia Brasileira* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011), 153.

⁹ Ibid., 153.

¹⁰ José Carlos Reis, “Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro,” *Revista de História da FFLCH-USP*, 1998, 64.

autores alemães, tendo traduzido textos de vários autores, o que não era muito comum entre os pensadores brasileiros da época, que tinham na produção intelectual francesa sua maior influência¹¹.

Em 1875, aos 21 anos, muda-se para o Rio de Janeiro e ingressa na Corte, com a recomendação de José de Alencar, seu conterrâneo e conhecido¹². Durante sua estadia no Rio de Janeiro, trabalhou na famosa livraria e editora Garnier, como professor no Colégio Aquino e passou em um concurso para trabalhar na Biblioteca Nacional, na época sob direção de Ramiz Galvão¹³. Em dezembro de 1878, publica o necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen¹⁴, visconde de Porto Seguro e historiador brasileiro, falecido em 26 de junho daquele ano. Criticava a obra de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, lançada em 1854, dizendo que faltava à obra uma “intuição de conjunto” e também uma “convergência das partes”¹⁵, mas afirmava que não houve nenhuma obra anterior a esta que contivesse tantas informações sobre o período colonial no Brasil¹⁶.

Para que a realização de uma obra do nível da de Varnhagen se tornasse possível, ainda seria necessário despende muito tempo em pesquisas, mais que o próprio Varnhagen despendeu, o que garantiria ao Visconde o lugar de pai da historiografia brasileira por mais um tempo¹⁷. Em 1883, passou em outro concurso, desta vez para cargo de professor de História do Brasil no Colégio Pedro II, cargo que exerceu até a disciplina se tornar parte da História Universal na reforma educacional de 1899¹⁸. Não estava contente com o magistério; quando ficou disponível devido à reforma de 1899, chegou a ficar aliviado de não ter que ensinar para “alunos desatentos”¹⁹. Escrever o necrológio de Varnhagen de fato impulsionou a carreira de Capistrano, visto que a obra recebeu elogios devido ao seu estilo crítico. Falece em 1927, no Rio de Janeiro.

¹¹ Francisco José Calazans Falcon, “Capistrano de Abreu e a historiografia cientificista: entre o positivismo e o historicismo,” 154.

¹² José Carlos Reis, “Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro,” 64.

¹³ *Ibid.*, 65.

¹⁴ Existem divergências quanto à data de publicação do necrológio: Maria da Glória de Oliveira afirma que foi publicado no Jornal do Comércio em 16 e 20 de dezembro de 1878, mas Francisco Falcon diz que foi em 13 de dezembro de 1877.

¹⁵ Maria da Glória de Oliveira, “A anotação e a escrita: sobre a história em capítulos de João Capistrano de Abreu,” *História da Historiografia*, Março 2009, 89.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*, 90.

¹⁸ José Carlos Reis, “Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro,” 65.

¹⁹ *Ibid.*

Capítulo 1: A agência histórica nas obras escolhidas

A ação dos personagens das duas narrativas define os resultados alcançados pelas partes envolvidas no conflito. A agência histórica, ou seja, os personagens que são responsáveis por fazerem a História, em ambas as obras, são homens notáveis, de famílias importantes.

Agência histórica na obra de frei Vicente do Salvador

Deus faz parte do grupo de agentes históricos que figuram no episódio da tomada de Salvador pela narrativa de frei Vicente. Em várias ocasiões ao longo da *História do Brasil*, é atestada a ocorrência de milagres que favorecem especificamente a apenas um lado do litígio, o dos católicos. Os motivos da predileção de Deus pelos portugueses são demonstrados por frei Vicente, ao longo da narrativa, pela resolução dos lusitanos de levarem ao mundo a ordem que Deus desejava para a criação, agindo, dessa forma, como instrumentos da Divina Providência²⁰.

As obras sobrenaturais aparecem na forma de felizes coincidências que terminam por salvar a vida de alguém – como foi o que aconteceu a um irmão da Ordem, frei Gaspar do Salvador, que se abaixou para atender um espanhol ferido e escapou de um tiro²¹. Esses acontecimentos sobrenaturais aparecem também com o intuito de assustar o invasor protestante, como foi o que aconteceu na ilha de Itaparica, quando alguns holandeses tomaram um engenho e resolveram depredar uma cruz, que se torceu e encaminhou os holandeses diretamente às armas dos portugueses²².

A inclusão de Deus na narrativa como agente participante dos acontecimentos, atuando diretamente ao lado dos que creem na fé católica, é um elemento comum à hermenêutica cristã da prosa seiscentista e, na obra de frei Vicente, esse elemento ainda é corroborado pelo fato de o autor ser membro da ordem dos franciscanos. Os portugueses estariam trabalhando para encaminhar o mundo ao objetivo último cristão²³.

Os milagres que acontecem durante a narrativa não só atestam que Deus está do lado dos portugueses e da causa defendida pelo rei ibérico – a expansão da fé cristã,

²⁰ Luiz Cristiano O. de Andrade, “A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630)” (Dissertação de mestrado, UFRJ / IFCS, 2004), 82.

²¹ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*. (São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918), 510.

²² *Ibid.*, 527.

²³ Luiz Cristiano O. de Andrade, “A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630),” 82.

responsabilidade do Império Português – como também acontecem para enaltecer as obras da ordem franciscana na América lusa²⁴. Desse modo, ao testificar os milagres, frei Vicente também justifica as ações dos franciscanos no território e a importância das obras dos irmãos na conversão do gentio, na expansão da verdadeira fé e, assim, do aumento do número de súditos da Coroa portuguesa²⁵.

Há outros fatores na narrativa relacionados à fé ou a ausência dela. Frei Vicente afirma que, com o passar dos anos, os habitantes do Brasil foram esquecendo os valores cristãos, diminuindo a frequência com que se confessavam ou iam assistir a missa, assim como iam aumentando os casos de casais amancebados²⁶. Com isso, o diabo aproveitou para fazer com que esquecessem o nome “Santa Cruz”, abandonando, portanto, o caráter sagrado atribuído a terra, bem como a proteção divina que estava garantida ao território devido ao nome. Ao ser chamada apenas Brasil, a terra teria ficado à mercê do diabo:

Porém, como o demonio com o signal da cruz perdeu todo o dominio que tinha sobre os homens, receando perder tambem o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, (...) ficou elle tão pouco estavel que, com não haver hoje cem annos, (...) já se hão despovoados alguns lugares e, sendo a terra tão grande e fertil como adiante veremos, nem por isso vai em augmento, antes em diminuição.²⁷

Na explicação de frei Vicente, o diabo temia perder a influência que tinha sobre os índios não convertidos. Isso seria, também, mais um reforço por parte do franciscano de ressaltar a importância das obras da Ordem nas terras americanas.

Se no plano espiritual temos Deus e o diabo agindo separadamente, no plano terreno os que realizam os grandes acontecimentos relatados pelo frei são os governadores, capitães, fidalgos, senhores de engenho. É deles que advém a tomada de iniciativa, a aplicação dos planos e a resistência heroica. Frei Vicente reconhece que, no lado holandês do conflito, os homens influentes têm o seu valor e merecem reconhecimento por sua bravura, coragem e até bondade. Mas os personagens que

²⁴ Ibid., 103.

²⁵ Ibid., 88.

²⁶ O padre jesuíta Fernão Cardim, em sua Narrativa Epistolar, escrita no fim do século XVI, também atenta para o estilo de vida de ostentação e exageros da população de Pernambuco, na época em que faz uma visita à vila de Olinda, pouco menos de cinquenta anos antes de frei Vicente escrever sua obra.

²⁷ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil.*, 15.

recebem mais comentários laudatórios são, de fato, os que estão no lado ibérico do conflito – católicos, portanto – e mais especificamente os portugueses.

Os irmãos da Ordem franciscana em todo o momento recebem elogios, o que é repetido na narrativa por várias vezes, de modo que, para frei Vicente, nunca é demais ressaltar a importância de seus trabalhos, a bondade dos irmãos, o fervor com que realizam suas obras entre o gentio e os filhos do reino. O capítulo trigésimo do livro quinto é quase inteiramente dedicado a encômios à pessoa do bispo e ao seu trabalho.

Quanto aos leigos, os atores das emboscadas e dos ataques contra os holandeses são, a princípio, os senhores de engenho, auxiliados por outros senhores e, mais tarde, capitães e suas tropas, todos sob o comando do governador da Bahia, Diogo de Mendonça Furtado. O governador recebeu um alerta do rei Filipe II, dizendo que uma grande frota de navios holandeses estava estacionada em Cabo Verde e poderia estar a caminho das colônias nas Américas, e que era muito provável que chegassem ao Brasil primeiro e depois seguiriam para as colônias espanholas. Os capitães foram, a partir de então, alertando os demais para que fortificassem as vilas, tendo em vista que as fortificações que existiam à época já se encontravam em situação precária, por falta de manutenção, e outras ainda estavam inacabadas.

Estando as autoridades avisadas, teve início uma mobilização para formar as tropas que defenderiam as vilas. As tropas seriam formadas pelos habitantes das localidades, tanto ricos quanto pobres; Diogo de Mendonça Furtado chega a financiar uma tropa que consistia da gente mais pobre de Salvador, que não tinha como se sustentar com o que tinham:

Da mesma maneira se apercebeu o governador nesta Bahia, mandando vir toda a gente do reconcavo. E, por que alguns se não tornassem logo por serem pobres e não terem que comer na cidade, mandou a um mercador seu privado que desse a cada um desses tres vintens para cada dia, por sua conta.²⁸

Juntamente com os homens-bons iam negros que trabalhavam nos engenhos e índios convertidos e, em algumas ocasiões, até índios não convertidos.

Os negros não assumiam um lado definido do conflito; percebendo que sua condição não mudaria independente de qual fosse o lado vitorioso, eles se aliavam tanto

²⁸ Ibid., 508.

aos habitantes das vilas quanto aos holandeses. Os escravos, que com o caos da invasão e com os engenhos e fazendas onde trabalhavam tomados pelo invasor, fugiam e se juntavam em bandos. Alguns se voltavam contra seus antigos senhores, em busca de vingança, assassinando-os ou entregando-os para as tropas holandesas:

Nem só andavam os holandeses insolentes por estes caminhos, mas muito mais os negros, que se metteram com elles, entre os quais houve um escravo de um serralheiro que prendeu seu senhor (...) e, depois de o esbofetear, (...) não contente só com isto lhe cortou a cabeça, ajudado de outros negros, e de quatro holandeses, e a levou ao coronel, o qual o mandou logo enforcar, que quem fizera aquillo a seu senhor também o faria a elle, se pudesse.²⁹

Índios e negros em sua maioria são anônimos; enquanto temos os nomes dos capitães e de alguns senhores de engenho de Salvador, assim como de outras figuras eminentes das capitânicas, os índios e negros não são identificados por seus nomes e sequer despontam individualmente nesta parte da narrativa. A única exceção a esse caso é a do negro Bastião, indivíduo que aparece duas vezes em dois capítulos do livro quinto. Ambas as situações em que Bastião figura são de conflito com o invasor:

Melhor o fez outro negro, que nos servia na horta, chamado Bastião, o qual tambem se metteu com os holandeses, mas porque lhe quizeram tomar um facão, que levava na cinta, e o ameaçaram que o enforcariam, se sahiu da cidade com outros dous ou tres negros, os quaes encontraram (...) seis holandeses (...) mas como o Bastião levava ainda o seu facão, o escondeu em o peito de um, (...) matando-o(...).³⁰

Em um segundo momento, no capítulo 26, Bastião aparece junto com um grupo de moradores de Salvador, combatendo uma incursão de soldados holandeses. O personagem é descrito como portador de muita confiança em suas habilidades com armas, em particular o facão e o arco e flechas³¹:

E aqui testificou o capitão Lourenço de Brito do negro Bastião, de que atrás fizemos menção, que se adiantou a todos, dizendo que a sua frecha não chegava tão longe como o pelouro dos arcabuzes, e assim lhe era necessario pera empregal-a nos inimigos chegar-se mais perto delles, o que também fez em outros encontros.³²

²⁹ Ibid., 514.

³⁰ Ibid., 514.

³¹ De fato, nas vezes em que Bastião aparece na narrativa, ele faz uso apenas desses dois tipos de armas, não estando testificado o uso de armas de fogo.

³² Ibid., 523.

O reconhecimento que frei Vicente presta para as ações de Bastião na narrativa não indica uma admiração, por parte do religioso, ao seu caráter, mas serve para ilustrar o aspecto poético de sua narrativa, especialmente se considerarmos que os negros eram tratados com desconfiança por parte dos portugueses. O negro Bastião é, na *História do Brasil*, mais um relato de uma testemunha dos embates entre portugueses e holandeses.

Agência histórica na obra de Capistrano de Abreu

A agência histórica na narrativa de Capistrano de Abreu se divide entre portugueses, brasileiros, holandeses e espanhóis. Não encontramos, no caso do autor oitocentista, muita atenção dada a outras parcelas envolvidas no conflito contra o invasor holandês, como grupos de índios e de negros, elemento que encontramos com facilidade na narrativa de frei Vicente. Sequer temos, ao longo do capítulo VIII, menção de indivíduos como o negro Bastião, personagem recorrente na obra de frei Vicente, ainda que ele apareça apenas duas vezes em dois capítulos do livro quinto.

A diferença imediata que se percebe a partir da mais superficial análise entre os dois tipos de narrativa – a de estilo seiscentista de frei Vicente, carregada de retórica e modelos morais a serem seguidos, e as influências tanto historicistas quanto positivistas de Capistrano de Abreu, baseando-se nos documentos como provas circunstanciais sem as quais é impossível fazer uma historiografia verossímil (a influência alemã que recebeu dos textos que leu enquanto se formava intelectualmente ajudou na concepção da ideia de que o estudo detalhado do documento garantiria a completa transmissão dos fatos, como afirma Reis, segundo Campos)³³ – é que na história do período colonial no Brasil de Capistrano de Abreu, os autores do capítulo da invasão holandesa na cidade de Salvador e da sua retomada são os habitantes mais expoentes da colônia – governadores, capitães, senhores de engenho, por exemplo – fidalgos que vieram do Reino e o próprio invasor holandês. O foco, portanto, da autoria da história, está centrado nos homens-bons.

Outra característica da narrativa de Capistrano que não se encontra na de frei Vicente é o fato de, no autor cearense, encontrarmos o coletivo como personagem, como agente da história. Vemos Capistrano falar muito mais de Castela do que de Filipe

³³ José Carlos Reis, “Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro,” 67.

II, por exemplo, assim como também de Flandres, da Companhia das Índias Ocidentais, como nos mostra o trecho a seguir:

(...) com poucos anos de existência [a Companhia] se impôs aos príncipes indígenas, repeliu os ingleses, derrocou a aparatosa fábrica luso-hispânica, monopolizou o trato das especiarias, distribuiu dividendos enormes, prestou serviços inestimáveis ao governo das Províncias Unidas.³⁴

Enquanto isso, em frei Vicente, o indivíduo figura com maior frequência. Capistrano parece ressaltar em sua narrativa apenas os personagens que devem ser ressaltados, como o governador Diogo de Mendonça Furtado, não ressaltando outros personagens considerados menores neste tipo de narrativa, como o negro Bastião seria considerado.

Capistrano reconhece a ajuda prestada pela corte espanhola, mas a respeito deles, o autor partilha da opinião de frei Vicente. Capistrano chama a coroa espanhola de “desatenta e inerte”, devido à demora em enviar uma armada em defesa do Brasil. Na visão dos autores, a ajuda só teria vindo por causa das ameaças que os holandeses poderiam representar aos domínios espanhóis no Novo Mundo, tendo como principais alvos o Peru e o México. Defender seus territórios era a vontade do rei Filipe IV da Espanha, mas a iniciativa para recrutar ajuda no Reino e enviar uma armada em defesa das possessões nas Américas parece ter vindo do conde de Olivares³⁵, que convenceu o rei a agir rapidamente a respeito do envio de uma armada ao Brasil, temendo que o invasor se apropriasse das posses espanholas nas Américas. A Jornada dos Vassalos³⁶ está mais bem descrita na narrativa de frei Vicente – ainda que nem ele a chame dessa forma.

O modelo historiográfico de ambos os autores difere no sentido em que a obra do franciscano é mais atenta aos elementos retóricos e poéticos da narrativa, ao passo que a do historiador cearense, numa interpretação nacionalista da *História do Brasil*, parece ser o de buscar as raízes da ideia do ser brasileiro e do espírito nacionalista nos “brasileiros” da colônia portuguesa na América – ideia que Capistrano entendeu que frei Vicente já havia lançado no século XVII – além de buscar o entendimento, o

³⁴ João Capistrano de ABREU, *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*, 7. ed. (São Paulo: Publifolha, 2000), 104.

³⁵ Gaspar de Guzmán y Pimentel Ribera y Velasco de Tovar, conde-duque de Olivares, primeiro-ministro de Filipe IV da Espanha. Após o fim da trégua de doze anos entre Espanha e Holanda, não optou pela busca de um armistício, fazendo com que a Espanha mergulhasse numa desastrosa e duradoura guerra. Deixa Madrid perto do fim de sua vida, tendo perdido a confiança do rei.

³⁶ Nome que aparece no título da obra do padre jesuíta Bartolomeu Guerreiro, lançada em 1625, que trata da empreitada.

esclarecimento dos vários fatores que constituem um processo histórico e um povo, a fase pela qual determinada localidade, com sua população, passou em um determinado período, um episódio acontecido no passado que teve grande relevância para a formação do território e do sentimento de pertencimento do povo.³⁷

Personagens considerados pequenos não são incluídos na narrativa de Capistrano; não existe menção ao negro Bastião ou a outros casos parecidos. A ocorrência de casos como o de Bastião serve para ilustrar o aspecto poético da narrativa de frei Vicente, aspecto tal que não existe na escrita documentalista do historiador cearense.

Limites dos agentes

Os agentes históricos eventualmente apresentam limitações em suas ações, que impossibilitaram a continuidade da investida ou da defesa até certo ponto, caracterizando viradas nos eventos que passaram a favorecer o outro lado do conflito. Os holandeses, por exemplo, começaram sua ação com sucesso, conseguindo invadir a Bahia; sua tentativa de estabelecer um governo duradouro no local foi frustrada, no entanto, devido à ação dos habitantes da cidade, abrigados nos arredores de Salvador, de onde formavam grupos de assaltos e tocaias aos holandeses que saíam da cidade para coletarem frutas e saquearem os engenhos ao redor de Salvador.

Limites dos agentes na obra de frei Vicente

Os agentes da história em ambas as obras não tiveram ação ilimitada durante o decurso do conflito. Em vários momentos, que são perceptíveis nas duas obras, a vantagem está de um lado do conflito, ora entre os invasores holandeses, ora entre os habitantes de Salvador. Existem, portanto, limites às ações dos personagens principais de todos os lados deste episódio.

Um dos principais agentes transformadores do cenário cotidiano da colônia portuguesa na América, Deus, por meio da ajuda divina, diretamente ou pela interseção dos santos, não é uma exceção a essa regra. Conseguimos perceber a ação de Deus durante a narrativa de frei Vicente, por meio de milagres, porém percebemos que as

³⁷ Luiz Cristiano O. de Andrade, “A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630),” 200.

bênçãos caem apenas no lado ibérico do conflito; o invasor também é cristão, porém não é católico e, mais importante ainda para definir o favorecimento de Deus, não está defendendo a expansão do interesse português da *respublica cristiana* pelo mundo – está na verdade obstruindo tal expansão. Impedir a expansão do cristianismo português incorreria em heresia, além da prática religiosa dos protestantes holandeses já ser considerada em si uma heresia, pelas divergências que apresentava em relação ao catolicismo.

Ao longo da narrativa, porém, esta escolha com relação ao favorecimento de um dos lados não era vista pelo franciscano como uma falha na piedade de Deus, mas sim como a ordem natural de Sua vontade, já que os católicos portugueses trabalhavam para espalhar o evangelho pelo mundo, livrando todos os povos, dessa forma, da heresia e do pecado, e encaminhando o mundo ao estado de concórdia previsto pela hermenêutica cristã³⁸.

Em alguns momentos do texto, frei Vicente reconhece características boas com relação à índole e valores morais de alguns dos invasores holandeses, como é o caso dos elogios ao coronel holandês Johan van Dorth.

O coronel van Dorth era um líder de valor reconhecido por frei Vicente, que afirma a bondade do holandês ao tratar dos prisioneiros que fez durante a tomada de Salvador:

*(...) o coronel era homem pacífico, e se mostrava pesaroso do damno feito aos portuguezes e desejoso da sua paz e amizade, e assim aos que quizeram tornar passou passaportes e lhes mandou dar quanto quizeram, não sem os seus lho estranharem; (...)*³⁹

Porém, depreende-se que essas características não eram suficientes aos olhos de Deus – de acordo com a narrativa – para que Ele garantisse algum auxílio para o herege, como podemos perceber ao longo da narrativa com o acontecimento de milagres apenas para o lado português do conflito.

Conforme citado anteriormente, Diogo de Mendonça Furtado já estava ciente da possível investida holandesa ao Brasil. No momento em que o governador recebe a mensagem do rei, o franciscano estava situado temporariamente na capitania do Rio de

³⁸ Ibid., 123.

³⁹ SALVADOR, Frei Vicente do., *História do Brasil*, 513.

Janeiro, a serviço, e descreve a ação tomada por Martim de Sá, então capitão-mor do Rio de Janeiro, para a defesa da capitania:

(...) [Martim de Sá] entrincheirou toda a cidade, concertou a fortaleza da barra e fez ir os homens do reconcavo para os repartir por suas estancias, companhias e bandeiras (...). Sem esta, foram muitas as preparações de guerra que fez Martim de Sá nesta ocasião. As mesmas fariam nas outras capitánias (que a todas se deu aviso, até o rio da Prata), mas faço menção do Rio de Janeiro como testemunha de vista, porque ainda então lá estava.⁴⁰

Apesar de reunidos homens e munições – ainda que não fossem em números satisfatórios – para se tentar a defesa da cidade, o espírito dos cidadãos não estava preparado para o que vinha a seguir. De acordo com ambos os autores, os únicos devidamente prontos para uma batalha deste porte eram de fato o governador, os capitães, os senhores de engenho e o bispo, que decidiu ficar para lutar e dar o exemplo para os cidadãos que consideravam fugir para outras capitánias, além de sua resolução de oferecer esperança para a população, visto que grande parcela dos habitantes de Salvador fugiu da cidade na oportunidade que teve, ao se deparar com o poderio da extensa armada holandesa, que contava com 23 a 26 navios.

A mobilização não surtiu os efeitos necessários e, estando com as defesas reduzidas, Salvador foi tomada pelo invasor sem muito trabalho, apesar da exortação de capitães e religiosos, que buscavam animar as tropas, afirmando que a vantagem era dos moradores de Salvador, por conhecerem o terreno melhor que o inimigo; mas o medo se espalhou tanto entre os moradores das freguesias quanto aos que moravam na cidade.

Como resultado, o governador, juntamente com seu filho Antônio de Mendonça, o desembargador Pero Casqueiro da Rocha e o capitão Lourenço de Brito foram capturados e mandados para a Holanda. Alguns navios carregados de bens extraídos da terra, como madeira e açúcar, foram apropriados pelos invasores, que procuraram salvar as embarcações que conseguissem.

Tendo escapado da cidade, agora em poder dos holandeses, o bispo d. Marcos Teixeira resolveu montar um arraial nos arredores de Salvador, junto com alguns moradores que optaram por ficar e lutar. O arraial foi montado nas proximidades do rio

⁴⁰ Ibid., 507.

Vermelho, onde foi construído um fortim.⁴¹ De lá, o bispo planejou emboscadas, organizando grupos com algumas dezenas de pessoas que realizariam as tocaias, e exerceu o cargo de governador, para o qual havia sido apontado, primeiramente, o ouvidor-geral Antão de Mesquita, mas quem veio a assumir o cargo foi de fato d. Marcos, apesar de não se saber exatamente o motivo pelo qual Mesquita não assumiu o papel.⁴² Mesquita havia sido indicado para o cargo de capitão-mor, mas ocorreram desavenças entre ele e o bispo, que, por fim, acabou sendo aclamado governador, apesar de a população, que agora apoiava Teixeira, ter elegido Mesquita como capitão-mor. Devido às tais desavenças, Matias de Albuquerque decidiu que quem de fato assumiria o cargo de capitão-mor seria Francisco Nunes Marinho.⁴³

D. Marcos Teixeira entendeu que a invasão era um castigo divino, um ato permitido por Deus para punir os cidadãos de Salvador, devido ao estilo de vida pecaminoso que os colonos levavam, havendo muitos casos de casais amancebados, poucas confissões e comunhões, e não era toda a população que comparecia às missas regularmente. Fernão Cardim, padre jesuíta, escrevendo pouco menos de 50 anos antes que frei Vicente, descreve as senhoras habitantes de Pernambuco, por exemplo, como “não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc.”⁴⁴

Tendo em vista que os membros eminentes do estrato eclesiástico faziam visitas esporádicas às localidades, era uma tarefa difícil manter controle sobre os hábitos dos habitantes da colônia, especialmente quando havia constantes choques entre o que pensavam os leigos e os religiosos sobre diversos aspectos da vida na colônia, como o tratamento que deveria ser despendido ao gentio, a administração dos aldeamentos e vilas, o controle da vida íntima dos colonos. Um exemplo da discordância administrativa é a falta de comunicação entre Diogo de Mendonça Furtado e o bispo d. Marcos Teixeira, cujas divergências ajudaram a dividir a população de Salvador.

Se em um primeiro momento a vitória holandesa parecia estar garantida, a ajuda a Salvador, que chegava das outras capitanias, principalmente de Pernambuco, ia tornando a estadia dos holandeses na cidade mais difícil. As tocaias que os donos de engenhos armavam para atacar em grupo os holandeses aos poucos minavam as forças

⁴¹ Possível localização do Reduto do Rio Vermelho, fortificação construída em 1711, posteriormente abandonada e reformada a partir de 1798, sob o nome de Forte de São Gonçalo do Rio Vermelho.

⁴² ABREU, *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*, 106.

⁴³ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil.*, 538.

⁴⁴ Fernão Cardim, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*, 334.

invasoras na cidade de modo efetivo, visto que em uma dessas tocaias foi morto o coronel Johan van Dorth pelo capitão Francisco de Padilha.

A missão corria bem sob o comando de van Dorth, porém, após sua morte, os seus sucessores não conseguiram manter o foco na missão com o mesmo sucesso do falecido comandante. O sucessor de van Dorth, coronel Albert Schouten⁴⁵ havia, em um primeiro momento, conseguido controlar as tropas, mas seu tempo servindo como comandante foi curto; Albert veio a falecer devido ao estilo de vida não muito saudável que levava, sempre passando as noites em festas; após uma dessas ocasiões, contraiu uma enfermidade, da qual veio a falecer pouco tempo depois, deixando a responsabilidade do comando das tropas invasoras com seu irmão Willem Schouten.

Willem, por outro lado, não se mostrou o líder que as tropas, já desanimadas e progressivamente mais duvidosas quanto ao sucesso e a relevância da missão, precisavam ter num momento como aquele. Sempre alheio às suas responsabilidades como comandante, arranjando casos com mulheres da cidade, envolvido em escândalos que contribuíam para diminuir sua moral com os companheiros e subordinados, o comando de Willem não teve resultados satisfatórios para a manutenção do domínio holandês na cidade de Salvador. Willem acabou sendo deposto e preso pelos próprios subordinados.

Por fim, a chegada da pesada armada ibérica e da grande quantidade de vassalos do rei em Salvador trouxe um ponto final ao sítio da cidade. Chamada de Jornada dos Vassalos, essa empresa reuniu somas vultosas de dinheiro, por parte dos próprios envolvidos, para financiar um pesado armamento e recrutamento de fidalgos e prelados. O capítulo trigésimo quarto consiste em uma grande lista com os nomes dos principais fidalgos que fizeram parte da empreitada. De acordo com o franciscano, houve fidalgos da mesma família que brigavam entre si e ainda os que tiravam a sorte no dado para ver qual membro da família teria o privilégio de servir a Coroa em uma empreitada tão valorosa⁴⁶.

Com toda a desorganização entre os holandeses e com a reafirmação de poder por parte da coroa ibérica na cidade de Salvador, o tempo dos holandeses na Bahia logo

⁴⁵ A grafia no capítulo VIII da obra de Capistrano é *Schout*; nas notas que acompanham a edição de 2000 dos *Capítulos*, a grafia Schouten aparece como a correta; na *História do Brasil*, o nome aparece sendo latinizado como *Escutis* ou *Scutis*.

⁴⁶ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil.*, 557.

chegaria ao fim. Eles teriam, no entanto, uma chance de se afirmar novamente em território português na América, desta vez de forma efetiva, ainda no Nordeste do Brasil, na capitania de Pernambuco, onde seria estabelecido um governo que duraria 24 anos.

Limites dos agentes na obra de Capistrano de Abreu

Capistrano de Abreu traz uma noção diferente sobre os fatores que teriam garantido o sucesso ou o fracasso das partes envolvidas no conflito. Devido ao estilo historiográfico que seguia, diferente do estilo de frei Vicente, a obra do historiador cearense não contava com a fundamentação retórica presente na obra do franciscano seiscentista, além de inexistir, em sua obra, o favorecimento de quaisquer dos envolvidos no conflito pela ação divina.

Para Capistrano, um dos principais empecilhos para uma melhor resistência dos colonos foi o estado precário em que se encontravam as fortalezas; umas já velhas, sem a manutenção necessária, outras ainda incompletas, enquanto algumas se encontravam desguarnecidas. Capistrano descreve o governador-geral Diogo de Mendonça Furtado e a situação na qual se encontrava Salvador no momento da invasão:

Sobejavam-lhe coragem e boa vontade, faltava-lhe tudo o mais: as fortalezas já arruinadas umas, outras por acabar, a barra larga e franca, acessível sem práctico às maiores embarcações a qualquer hora do dia e da noite, a guarnição reduzida e imbele, a população trépida, prestes a fugir mal avistava qualquer vela suspeita, não encerravam elementos de resistência eficaz. Acresciam dissensões entre o governador e o bispo e, como de costume, entre uma e outra metade do povo, sempre ávido de questões entre os potentados.⁴⁷

Havia um despreparo dos locais e dos administradores em relação à segurança das localidades, além de haverem divergências quanto à aplicação da verba recebida da Fazenda Real: em Salvador, por exemplo, o bispo d. Marcos Teixeira e o governador Diogo de Mendonça Furtado discordavam a respeito do uso do dinheiro; o primeiro queria que a verba fosse investida na obra que estava sendo feita na sé, enquanto o segundo queria investir na construção de uma fortaleza.

De fato, as diferenças entre o bispo e o governador foram mais um fator desagregador para a população de Salvador. Os locais que concordavam com o bispo se chocavam ideologicamente com os partidários do governador, criando um clima de

⁴⁷ ABREU, *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*, 105.

discórdia que aparentemente não teria uma solução imediata. Frei Vicente afirma que a cidade ficou mesmo dividida, e usando como exemplo uma pregação de Cristo sobre discordâncias entre moradores de um mesmo local – ou como o próprio frei as chamou, as *guerras civis* – afirmou que “em todo o reino onde as houvesse, entre os naturais e moradores, seria assolado e destruído”⁴⁸. O clima de tensão entre bispo e governador, com seus respectivos simpatizantes, contribuiu para a falta de articulação do movimento de reação à invasão.

Mas não foi apenas isso. A população em geral estava despreparada para lidar com uma situação desse calibre, porque os invasores vieram em grande número e muito bem equipados. O medo tomou conta dos cidadãos, fazendo com que muitas famílias fugissem da cidade, buscando abrigo em outras capitânicas ou mesmo no sertão:

*À noite, bispo, eclesiástico, os moradores que puderam abandonaram a cidade. Ao amanhecer, além de escravos e gente baixa sem nada a perder, encontravam-se apenas o governador e alguns fiéis na cidade deserta.*⁴⁹

Capistrano diz que um dos poucos grupos de pessoas que ficaram para defender a cidade, além do governador e de capitães, foram os mais pobres, já que não teriam nada a perder; alguns grupos de negros também ficaram para lutar contra os holandeses, enquanto outros chegaram a se juntar ao invasor, já que viram que sua situação não variaria não importando quem fosse seu novo senhor.

Apesar da boa vontade de Diogo de Mendonça Furtado e de seu desejo de defender Salvador, como afirma Capistrano, a falta de mantimentos, de munição e de efetivos apenas contribuiu para o fracasso inicial contra o invasor. Poucos homens ficaram para defender a cidade, entre eles o governador, alguns donos de engenhos e fazendas e outros poucos homens-bons; os remanescentes tinham ainda que lutar contra a escassez dos bens essenciais para a batalha, além de sofrerem deserções por parte de alguns ex-escravos, que ou se rebelavam contra seus antigos senhores como gesto de vingança, ou simplesmente preferiam servir ao lado dos holandeses.

Também a condição precária em que se encontravam os armazéns e os depósitos de armas e munição contribuiu para o fracasso inicial dos defensores da cidade. Munição e pólvora eram materiais escassos; os cidadãos eram reabastecidos com muita

⁴⁸ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 506.

⁴⁹ ABREU, *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*, 105.

dificuldade, devido à demora da chegada do socorro que era enviado do reino e a constante apropriação ou destruição de materiais por parte do invasor.

A progressiva escassez de mantimentos levou os habitantes de Salvador a recorrerem às tocaias, as quais, de acordo com Capistrano, quase sempre eram exitosas. O historiador afirma ainda que o sucesso de algumas emboscadas serviu para aumentar o “espírito patriótico” da população⁵⁰. Capistrano pouco fala do arraial montado pelo bispo d. Marcos Teixeira, citando-o apenas uma vez.

A relativamente boa situação em que os holandeses se encontravam se inverte quando o sucesso das emboscadas que os cidadãos de Salvador armavam contra os invasores aumenta; foi em uma delas que o coronel van Dorth foi morto, o que foi o começo da espiral negativa para a missão dos holandeses na América Lusa. A capacidade de defesa da cidade aumentava timidamente. As fazendas nos arredores de Salvador ainda estavam sob o risco de apropriação por parte do invasor, mas suas defesas também viraram um foco para os moradores; se as fazendas e engenhos não fossem tomados pelos holandeses, eles não teriam como renovar seus mantimentos. Os recursos dos quais o exército holandês poderia usufruir iam diminuindo, como também diminuía sua área de influência.

O comandante Albert Schouten ainda conseguira manter certo controle sobre seus homens. Apesar de não exercer a mesma liderança que van Dorth, Albert se mostrou disposto a continuar a missão de seu antecessor, assumindo o cargo imediatamente após o sepultamento do falecido coronel. Mas, durante uma comemoração num banquete, contraiu uma doença, da qual veio a falecer poucos dias depois.

Com uma sucessiva passagem do cargo de comandante a líderes inexpressivos, os holandeses estavam progressivamente desanimados e receosos a respeito do sucesso da missão nos trópicos, especialmente quando levavam em consideração as constantes baixas que os efetivos sofriam devido às tocaias e do sucesso das defesas dos conventos e outros pontos da cidade, que foram entrincheirados, armados e usados como fortes dentro da cidade sitiada. Willem não dividia com o irmão o mesmo senso de responsabilidade. De acordo com o frei, Willem Schouten, irmão de Albert, se envolveu com uma portuguesa, o que teria sido um dos possíveis motivos do seu atraso para

⁵⁰ Ibid., 106.

auxiliar seus homens no momento de um ataque que os holandeses sofreram dos homens que estavam entrincheirados no Carmo. Insatisfeitos com a falta de compromisso do coronel, seus subordinados se rebelaram contra ele, ferindo-o na cabeça e nas mãos, para que assim pudesse ser preso⁵¹. Não existem mais informações sobre o fim que levou Willem Schouten nas duas obras.

Capistrano, assim como frei Vicente, critica a demora ao enviar a ajuda para o Brasil, em um juízo de caráter que parece corroborar o do franciscano, reservando à corte espanhola as qualidades de “desatenta” e “inerte”⁵². Ainda assim, Capistrano atribui, como frei Vicente, a tomada da decisão de enviar um pesado socorro para o Brasil ao ministro Olivares, que ficou temeroso que a possível futura ação dos holandeses nas Américas tomaria lugar nas colônias espanholas do México e nas minas de prata da América do Sul. Com a exortação do rei, seus vassallos na Espanha e em Portugal juntaram-se, doando também uma grande quantia em dinheiro para custear uma investida contra o inimigo nas colônias americanas, impulsionando assim a viagem conhecida como Jornada dos Vassallos, em que os vassallos da Coroa partiram para o Brasil com o objetivo de expulsar o enfraquecido invasor das colônias.

É mais difícil, na obra de Capistrano de Abreu, encontrar uma conjuntura, um agente, um personagem que possa ser considerado o culpado pela invasão holandesa no Brasil; na *História do Brasil*, vemos que, de acordo com o julgamento moral de d. Marcos Teixeira, os próprios habitantes da colônia são considerados culpados pela invasão, por levarem uma vida de pecados e afrontas a Deus, o que abriu precedente para que Deus castigasse quem morasse nessa terra, permitindo a invasão da cidade e tudo o que se seguiu; ainda assim, o próprio frei Vicente não aponta culpados segundo seu julgamento.

Para entender a rivalidade entre Flandres e Portugal, Capistrano remonta à Idade Média, época em que as relações entre as duas nações tiveram início, com o comércio entre portugueses e flamengos e suas estratégias mercantis no continente europeu e nos demais continentes, depois da criação da Companhia das Índias Orientais, e os conflitos que tiveram com a Espanha durante a Guerra dos Oitenta Anos.

⁵¹ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 580.

⁵² ABREU, *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*, 107.

Capítulo 2: Noções de espaço e tempo

O estilo de narrativa que os autores representam pode influenciar nas noções de tempo e de espaço que o leitor obtém a partir da leitura da obra. Uma narrativa repleta de detalhes, como é o caso da apresentada por frei Vicente, acaba por transmitir uma impressão de que o espaço narrado é mais amplo se comparado ao estilo mais pragmático de narrativa, aplicada por Capistrano de Abreu.

Noção de espaço

O espaço abordado nos fragmentos escolhidos das duas obras é majoritariamente o território da capitania da Bahia, com foco específico na cidade de Salvador. Os autores mencionam localidades adjacentes, como a capitania de Pernambuco, que ocupa um lugar de destaque devido aos envios de ajuda a Salvador e pela ação de Matias de Albuquerque Coelho durante o sítio de Salvador.

Os diferentes estilos de narrativa encontrados nos dois autores influenciam na concepção da dimensão dos lugares em questão. Por exemplo: na *História do Brasil*, a narrativa de frei Vicente nos dá quase a real noção do espaço, na medida em que ele inclui em seu texto os relatos das testemunhas oculares dos episódios, inclui relatos do andamento das batalhas, dos conflitos diretos entre os personagens, incluindo em sua narrativa até mesmo frases ditas pelos personagens, como é o caso de uma das aparições do negro Bastião, em que ele exorta seus companheiros a não recuarem frente a um grupo de holandeses, conforme trecho citado anteriormente.

O andamento dos conflitos, as estratégias criadas pelos participantes, como decorreu a defesa de certo sítio, os danos aos monumentos e outros edifícios da cidade devido às balas de canhão: tudo descrito de maneira detalhada, pormenorizados a ponto da imaginação do leitor criar o cenário de que descreve frei Vicente. Essa é uma característica da narrativa seiscentista. É como se nós, leitores, estivéssemos testemunhando os episódios que as linhas escritas por frei Vicente nos contam.

No caso da narrativa de Capistrano de Abreu, a noção que obtemos do espaço é bem diferente. A preocupação que o autor tem com a apresentação do desenvolvimento das ações tomadas pelos personagens se reflete numa percepção mais reduzida do espaço ocupado pelos protagonistas. Seria como se, ao lermos o texto do historiador

cearense, nós olhássemos para um mapa, um planisfério, no qual estivesse destacado o território da capitania da Bahia, com pontos, setas e legendas indicando os lugares onde aconteceram conflitos, e em anexo tivéssemos os nomes dos principais envolvidos em ambos os lados do processo.

No caso de frei Vicente, como já vimos, a utilização da retórica implica num texto mais detalhado, com o objetivo de convencer o leitor a seguir a ideia proposta pelo autor, quer dizer, que o acontecimento relatado e elogiado sirva de modelo a ser seguido por outros, notadamente por outros líderes. Os elogios são parte essencial do texto do franciscano, com os quais ele atribui a importância que ele julga necessária para determinados personagens. Um exemplo disso são os elogios dirigidos ao bispo de Salvador, trecho já citado anteriormente, que ocupam quase um capítulo inteiro.

Ao todo, na obra do frei, são 28 capítulos do quinto livro dedicados presença holandesa em Salvador. Na obra de Capistrano, em contrapartida, o episódio da invasão de Salvador não extrapola um capítulo, o capítulo oitavo; menos ainda, trata-se da menor parte do mesmo capítulo que trata das invasões holandesas em toda a região do Nordeste na época, onde eles tiveram maior influência, incluindo o governo do conde Maurício de Nassau em Pernambuco, o que segue a premissa do autor de apresentar uma história do Brasil dividida em capítulos. Frei Vicente não tem essa preocupação: o método que utilizou para narrar a história é o da descrição precisa, na medida do possível, obtendo informações de habitantes dos lugares onde visitava, testemunhas de acontecimentos, relatos de acontecimentos passados, o que ele faz de acordo, igualmente, como o que lhe foi proposto, nesse caso por Manuel Severim de Faria.

Noção de tempo

A noção de tempo também difere drasticamente na narrativa de ambos os autores. Na *História do Brasil*, os capítulos que abarcam o tema da invasão holandesa na capitania da Bahia são ao todo 28, sendo que nove capítulos foram perdidos. O tempo parece fluir mais lentamente na narrativa do franciscano, como se os eventos estivessem acontecendo em tempo real. Mais uma vez a riqueza de detalhes é a característica textual que influi na percepção do tempo decorrido nos eventos. Ainda que existam “pulos” no tempo, não são como os que existem nos *Capítulos* de Capistrano.

No capítulo oitavo da obra do historiador cearense, os “pulos” são maiores, já que Capistrano trata da totalidade da presença holandesa no Nordeste neste capítulo. Os detalhes da capitulação, da assinatura da carta de rendição, do embarque dos holandeses nos navios que os levariam de volta à Europa não constam no capítulo como constam nos capítulos finais do livro quinto de frei Vicente. Tudo é bem mais sucinto.

O estilo narrativo de frei Vicente inclui falas dos personagens, relatos de coisas que aconteceram a algumas pessoas, geralmente acontecimentos que são pertinentes aos eventos e aos conflitos entre os habitantes da capitania e os invasores, algumas das quais poderiam entrar na categoria de curiosidades se analisarmos esses elementos textuais à luz da produção historiográfica dos oitocentos. Porém, para um modelo historiográfico que faz uso da retórica, como se fez na produção dos seiscentos, esse tipo de elemento é necessário para que a mensagem do texto tenha uma base sólida e seja verossímil. Luiz Cristiano O. de Andrade explica da seguinte forma:

Assim, as regras que regiam a cultura letrada durante [os oitocentos] não poderiam ter sido consideradas nos estudos sobre a obra do frade baiano, realizados no final do século XIX e início do XX. (...) Nada mais típico da concepção oitocentista, que entendia a retórica meramente como adorno. Inversamente, no Seiscentos, a retórica encontrava-se no cerne dos debates acerca do conhecimento, no qual a compreensão da forma passava pela analogia com a essência.⁵³

Os exemplos servem para corroborar a mensagem que o autor deseja passar para o leitor, para que as decisões e os atos dos protagonistas sejam bem absorvidos e repetidos pelos leitores, os quais seriam, no caso da *História do Brasil*, administradores e outras pessoas importantes, que seriam responsáveis pelas tomadas de decisões e pelo governo.

Também existe o fator da credibilidade da crônica: a obra teria mais credibilidade se o número de relatos de pessoas que afirmam ter presenciado alguma situação fosse maior. A testemunha ocular é uma fonte de muita importância para que a crônica ganhe credibilidade:

Em busca da originalidade tão valorizada após o Iluminismo, Capistrano de Abreu lamenta a “impossibilidade de distinguir o próprio do alheio” na obra do franciscano e assinala que “a comparação do Brasil com uma harpa, a descrição do monstro marinho de

⁵³ Luiz Cristiano O. de Andrade, “A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630),” 70.

*São Vicente, a observação sobre as letras que faltam ao tupi” procedem de Gandavo. (...) De fato, esses topoi eram peças primordiais no século XVII para a criação do verossímil e respectiva persuasão do leitor, alcançada sobretudo pela noção de testemunho ocular.*⁵⁴

De acordo com o modelo historiográfico da época em que Capistrano escreve seus *Capítulos* e levando em consideração a proposta do autor ao escrever sua obra, no entanto, esse nível de detalhamento não é considerado essencial. A própria noção de que é o que deixa de ser verossímil difere no trabalho de Capistrano. O autor lamenta que frei Vicente não tenha passado seu tempo analisando documentos que poderiam render a sua obra maior respaldo e ainda afirma que o modo que o frei exhibe em sua obra não apresenta preocupação com o estilo, comparando sua escrita à “contas de rosário sendo debulhadas maquinalmente”⁵⁵. Capistrano faz essas críticas, porém, baseando-se no modelo de análise documental vigente na sua época, não levando em consideração o fato de frei Vicente ter escrito sua obra quase três séculos antes que o historiador cearense.

A *História do Brasil* tem início em 1500 e termina em 1627, quando frei Vicente acaba de escrever⁵⁶; portanto, ao iniciar sua narrativa a partir do começo das relações entre Portugal e a terra recentemente descoberta pela expedição de Pedro Álvares Cabral, o autor pretende relatar as características naturais da terra, o que tinha nela de diferente em relação à do Reino, os costumes do gentio, a variedade da fauna e da flora, as ações dos portugueses na América – contra o gentio bravo e contra os invasores franceses, a princípio – até a instalação do governo-geral.

A partir de então, depois de firmada a presença portuguesa com o primeiro governo-geral, assunto que começa a ser tratado no livro terceiro, a obra passa a tratar dos governadores e sua administração local, suas ações contra a rebeldia dos índios que se recusavam a serem convertidos e a respeito de suas ações contra o invasor francês e holandês. A extensão do tempo na obra do frei permite que ele se demore mais não só no relato das pessoas e dos eventos que tomaram conta da capitania da Bahia quando da invasão, mas também na descrição dos índios, da terra, dos animais, entre outros temas, da forma mais detalhada possível, como pediu Manuel Severim de Faria.

⁵⁴ Ibid., 69.

⁵⁵ Ibid., 70.

⁵⁶ “(...) e darei fim a esta História, porque sou de 63, e é já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias.” Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 616.

Já nos *Capítulos*, Capistrano estabelece um espaço histórico entre 1500 até 1800, cobrindo cerca de 173 anos a mais do que frei Vicente, o que não permite uma demora muito grande na abordagem dos temas, de acordo com sua proposta. O autor também inicia sua obra com a descrição dos índios, seus costumes e sua origem, partindo para os fatores que impulsionaram Portugal para a exploração do Atlântico, o descobrimento das terras transoceânicas, o abandono de cerca de trinta anos, o retorno ao território com fins de estabelecimento, exploração e construção da indústria açucareira, a divisão do território em capitanias e seu desenvolvimento nas mãos de nobres portugueses, em nome do rei.

O curioso a respeito das duas obras é que mesmo com um recorte temporal mais amplo, o estilo historiográfico de Capistrano de Abreu não permite que o autor se demore em detalhes que poderiam ser considerados supérfluos e irrelevantes para uma absorção das informações de acordo com o que foi proposto pelo modelo de pesquisa vigente no período, estilo que o autor seguia, especialmente devido à metodologia que escolheu para seu trabalho: o de criar uma historiografia do Brasil dividida em capítulos. O mais lógico seria que, quanto mais largo fosse o recorte temporal que o autor estabeleceu, mais detalhes poderiam ser adicionados à sua obra. Porém, novamente o que pesa na diferença entre os autores é a riqueza de detalhes contidos na historiografia de um deles e uma forma mais direta de escrever do outro.

Capítulo 3: Algumas análises quantitativas

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, notamos que algumas palavras figuravam na narrativa de frei Vicente com uma frequência maior que outras; realizando uma rápida observação, capítulo por capítulo, percebemos que palavras como “governador” e “capitão” eram as mais recorrentes. Ocorreu então a ideia de que, já que essas palavras designam os cargos de importantes agentes históricos, uma análise da frequência da ocorrência de tais palavras – e, se possível, de outras – ajudaria na compreensão da atribuição de ações e de sua importância para cada agente histórico na narrativa da *História do Brasil*. Resolvemos, em seguida, aplicar este método também para a obra de Capistrano, com o mesmo intuito.

Foi feito um gráfico que demonstrasse a importância atribuída a tais palavras no texto. Para que o recolhimento de dados fosse possível de uma maneira viável e que consumisse menos tempo, fez-se o uso do programa *online Tagxedo*⁵⁷, que consiste num programa que conta as palavras presentes em textos, preferencialmente salvos no formato .txt do Bloco de Notas do Windows. Para que o programa reconheça as palavras, no entanto, é necessário que todo tipo de acentuação e caracteres especiais, como a cedilha, sejam removidos do texto e substituídos, no caso, por letras sem acentuação e pela letra C sem a cedilha.

Como também as obras em questão também estavam dispostas no formato .pdf, seu conteúdo foi copiado para um Bloco de Notas e o texto foi submetido para o programa Tagxedo. Inicialmente, as palavras dos capítulos 21 ao 49 do livro quinto da *História do Brasil* foram consideradas para serem contadas, já que estes são os capítulos em que a invasão de Salvador é descrita. Posteriormente, cada capítulo separadamente foi submetido ao contador de palavras, desde o vigésimo primeiro até o quadragésimo nono, e último. É necessário fazer uma limpeza de algumas palavras que o programa conta, tais como preposições, pronomes, advérbios, enfim, palavras que não interessariam ao objetivo de nossa pesquisa. Terminada essa limpeza, as palavras desejadas são agrupadas em uma “nuvem” de palavras (figuras 1 e 2), que mostra as palavras em diferentes tamanhos, de acordo com a quantidade de vezes em que ela figura em determinado capítulo.

⁵⁷ www.tagxedo.com/app.html

Através da Figura 1 (em anexo), vemos que as palavras que tiveram maior destaque desde o capítulo vigésimo primeiro até o último são “capitão”, “holandeses”, “governador”, “cidade” e “Francisco” – nome muito frequente entre os capitães e senhores de engenho da região. A frequência das palavras “capitão” e “governador”, em frei Vicente, aponta de onde partiu a ação dos habitantes do Brasil contra os holandeses. Vemos como essa recorrência casa com o modelo historiográfico em vigor nos seiscentos, que se valia dos exemplos dos homens-bons, modelos de bom governo e responsabilidade para com suas obrigações como representantes do rei e de seus objetivos nas colônias.

Os agentes da narrativa de Capistrano foram divididos em dois grupos: o dos “povos” e dos “personagens”, para os quais foram compilados gráficos usando o programa Microsoft Excel. Por “povos”, foram considerados os portugueses, holandeses, franceses e espanhóis, já que esses quatro são os povos que mais frequentemente figuram na narrativa. Por “personagens”, consideramos os governadores, capitães, o bispo, e Deus.

Comparando a frequência dos personagens na *História do Brasil*, constatamos quais são os atores da história de acordo com frei Vicente. Governador e capitão aparecem quase na mesma frequência, um sendo mencionado juntamente com o outro no mesmo capítulo por várias vezes, ainda que exista uma variação na frequência com que os dois apareçam simultaneamente no mesmo capítulo. A palavra “capitão” figura em cerca de trinta e três capítulos dos quarenta e um que estão disponíveis, sendo mencionado no máximo vinte vezes no capítulo trigésimo quarto, enquanto “governador” aparece vinte e oito vezes, no máximo de dez vezes nos capítulos vigésimo primeiro e vigésimo segundo.

Ao compararmos a frequência em que capitão e Deus aparecem, porém, notamos que Deus nem sempre é mencionado em todos os capítulos, aparecendo no máximo cinco vezes em cerca de quinze capítulos dos quarenta e um. Analisando esse cenário, vemos que Deus não interfere diretamente contra o inimigo herege; porém é por Deus e pelo propósito cristão que governador e capitão, além de outros homens importantes, estão trabalhando – para a expansão do cristianismo católico e afirmação dos interesses de Portugal, principalmente, mas também, naquela época, da Coroa de Castela.

Conclusão

Após análises de estilos narrativos distintos e dos contextos das épocas em que frei Vicente do Salvador e Capistrano de Abreu escreveram suas obras, vemos que o modelo historiográfico escolhido pelos autores influenciou nas noções de espaço e de duração dos eventos que o leitor absorve a partir da leitura das obras. Não se trata apenas dos números de páginas de uma obra em relação à outra, mas também como a narrativa se desenvolve, à presença de relatos de testemunhas, às informações que o autor considera serem relevantes a ponto de serem incluídas ou excluídas da narração.

O estilo pragmático da historiografia apresentada por Capistrano de Abreu e a proposta inicial de sua obra – dividir a história do Brasil em capítulos – não permite que o autor se demore em detalhes como o ferimento que um personagem levou num duelo contra um holandês, ou em uma lista com os nomes dos principais fidalgos portugueses que partiram para o Brasil para ajudar na restituição de Salvador, ou ainda em como dois fidalgos resolveram a questão de quem deveria ficar em Portugal para cuidar dos afazeres da família no Velho Continente. O método proposto pelo autor dos *Capítulos* foi o de contar como e porque o conflito entre Portugal e Holanda surgiu, como e quando começaram as invasões, como se deu o embate entre as duas nações em território americano e como se deu a restituição da capital do Estado do Brasil, de uma forma em que as informações fossem transmitidas de modo rápido e eficaz. Terminado esse tema, começava-se o próximo, seguindo esse método.

Já em frei Vicente, existe a preocupação em transmitir esses mesmos assuntos, porém com o objetivo de convencer o leitor que as ações tomadas por aqueles homens distintos eram modelos de bom governo, de fé em Deus e do destino glorioso do Império Português. A obra é repleta de retórica, garantindo para si um teor de crônica épica, onde a noção de tempo parece ser de maior duração do que na narrativa do autor cearense, assim como também parece maior a noção do espaço em que as ações foram tomadas, em relação à obra oitocentista.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial: 1500 - 1800*. 7. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. v. 13 (1888).

Fernão Cardim. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1925.

Francisco José Calazans Falcon. “Capistrano de Abreu e a historiografia científicista: entre o positivismo e o historicismo.” In *Estudos de Historiografia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

Frei Manuel da Ilha. *Narrativa Da Custódia De Santo Antônio No Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1975.

Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918.

José Carlos Reis. “Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro.” *Revista de História da FFLCH-USP*, 1998.

Luiz Cristiano O. de Andrade. “A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630)”. Dissertação de mestrado, UFRJ / IFCS, 2004.

Maria da Glória de Oliveira. “A anotação e a escrita: sobre a história em capítulos de João Capistrano de Abreu.” *História da Historiografia*, Março 2009.

Mídia:

FileMaker

Tagxedo (www.tagxedo.com/app.html)

Microsoft Excel

Anexos

Gráficos

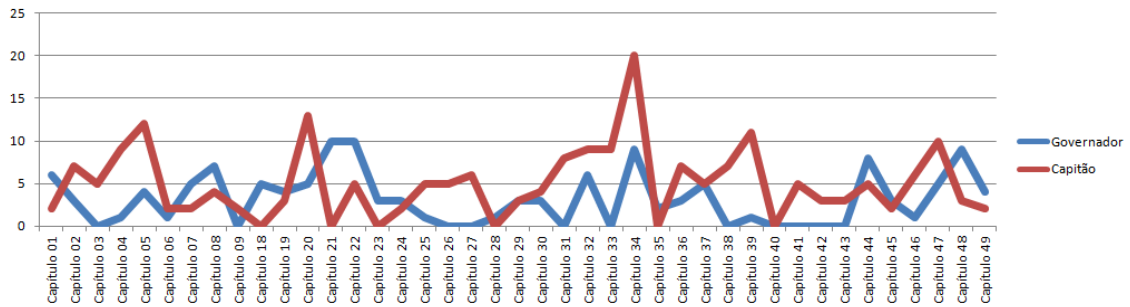


Gráfico 1 - Frequência das palavras "governador" e "capitão" nos capítulos 01 a 49 da História do Brasil, com a comparação entre a frequência em que ambas aparecem nos mesmos capítulos.

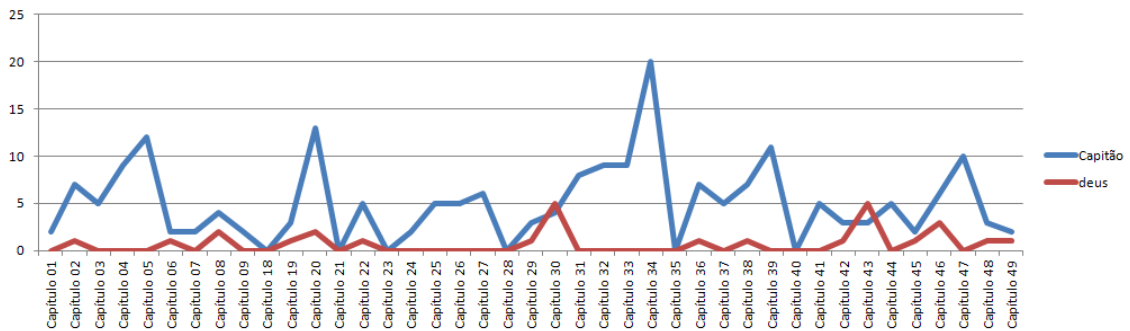


Gráfico 2 - Frequência das palavras "capitão" e "Deus" nos capítulos 01 a 49 da História do Brasil.

Figuras



Figura 1 - Palavras que aparecem com maior frequência entre os capítulos 21 ao 49 da História do Brasil.



Figura 2 - Palavras que aparecem com maior frequência no capítulo VIII dos Capítulos de História Colonial.

Declaração de autenticidade

Eu, Mariana Silveira Leonardo de Souza, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Duas formas de produzir historiografia: as invasões holandesas na História do Brasil e nos Capítulos de História Colonial* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 1º de outubro de 2012.
